

Viagens de Gulliver

Jonathan Swift



adaptação de Lúcia Tulchinski
ilustrações de Cláudia Ramos



editora scipione



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Edição
Sâmia Rios

Assistência editorial
José Paulo Brait e
Camila Carletto

Revisão
Rosalina Siqueira,
Cesar G. Sacramento e
Ana Carolina Nitto

Coordenação de arte
Maria do Céu Pires Passuello

Programação visual de capa e miolo
Aída Cassiano

Diagramação
Elen Coppini Camioto

Elaboração do encarte
Soraia Mimessi Bacci



editora scipione

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400
Freguesia do Ô
CEP 02909-900 – São Paulo – SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE
Tel.: 4003-3061

www.scipione.com.br
e-mail: atendimento@scipione.com.br

2013

ISBN 978-85-262-8242-1 – AL
ISBN 978-85-262-8243-8 – PR
Cód. do livro CL: 737839

2.^a EDIÇÃO
3.^a impressão

Impressão e acabamento



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tulchinski, Lúcia

Viagens de Gulliver / Jonathan Swift; adaptação de Lúcia Tulchinski; ilustrações de Cláudia Ramos. – São Paulo: Scipione, 2002. (Série Reencontro infantil)

1. Literatura infantojuvenil I. Swift, Jonathan. II. Ramos, Cláudia. III. Título. IV. Série.

02-1956

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

- | | |
|------------------------------|-------|
| 1. Literatura juvenil | 028.5 |
| 2. Literatura infantojuvenil | 028.5 |

Sumário



No reino dos pequeninos	5
Na terra dos grandalhões	14
A estranha ilha voadora	27
No país dos huynhuns	36
Considerações finais de um viajante	47
Quem foi Jonathan Swift?	48
Quem é Lúcia Tulchinski?	48



No reino dos pequeninos



Minha família morava numa pequena propriedade na Inglaterra. Como não éramos ricos, aos quatorze anos deixei a escola e tornei-me aprendiz de um famoso cirurgião, o doutor James Bates. O pouco dinheiro que eu recebia de mesada, aplicava em aulas de navegação e matemática. Esses conhecimentos me seriam úteis quando realizasse o sonho de viver grandes aventuras nos mares.

Isso aconteceu alguns anos depois, quando consegui uma vaga de cirurgião na tripulação do navio Andorinha. Por três anos e meio, fiquei longe de casa. Voltei a Londres com planos de formar uma família. Então casei-me com uma jovem chamada Mary Burton.

Pouco tempo depois, em virtude da morte de mestre Bates, fiquei praticamente sem trabalho. Não tive outra saída senão retornar ao mar. Trabalhei como cirurgião em vários navios e fiz muitas viagens às Índias.

No dia 4 de maio de 1699, embarquei no navio Antílope, rumo aos Mares do Sul.

Tudo corria bem, até que uma violenta tempestade nos surpreendeu em alto-mar. O navio se espatifou de encontro a uns rochedos. Eu e os outros tripulantes conseguimos embarcar num bote que estava no convés e remamos com esforço contra o mar bravio. Para nosso desespero, o bote virou. Perdi meus companheiros de vista e tratei de nadar.

Fiquei à deriva durante uma semana, agarrado a um tronco e sendo arrastado pelo vento e a maré. Certo dia, avistei terra firme e, com as forças que me restavam, consegui nadar até lá. Cheguei exausto, deitei-me no chão e dormi o sono mais profundo de toda a minha vida.

Ao acordar, tive uma surpresa daquelas! Minhas mãos, meus pés e cabelos estavam amarrados por milhares de fios presos a estacas no chão. Minúsculas criaturas humanas, armadas de

arcos e flechas, cercavam-me por todos os lados. Vestiam roupas esquisitas e falavam uma língua incompreensível.

Com um pouco de esforço, consegui soltar minha mão esquerda. Isso provocou uma grande confusão entre eles. Uma chuva de setas atingiu-me em cheio. Meu colete de couro protegeu-me de ferimentos mais graves. Bem... Não foi difícil concluir que eles me consideravam um gigante ameaçador e perigoso.

Eu estava quase morto de fome, porque havia me alimentado pela última vez antes do naufrágio. Levei o dedo à boca diversas vezes, para demonstrar que queria comer.

Finalmente, meu desejo foi atendido. Diversas escadas foram encostadas ao lado do meu corpo. Um batalhão de cem homens pequeninos, carregados com cestas cheias de comida – carne de diversos tipos e pães –, saciou minha fome. Barris com vinho também foram providenciados, para aliviar minha sede.

